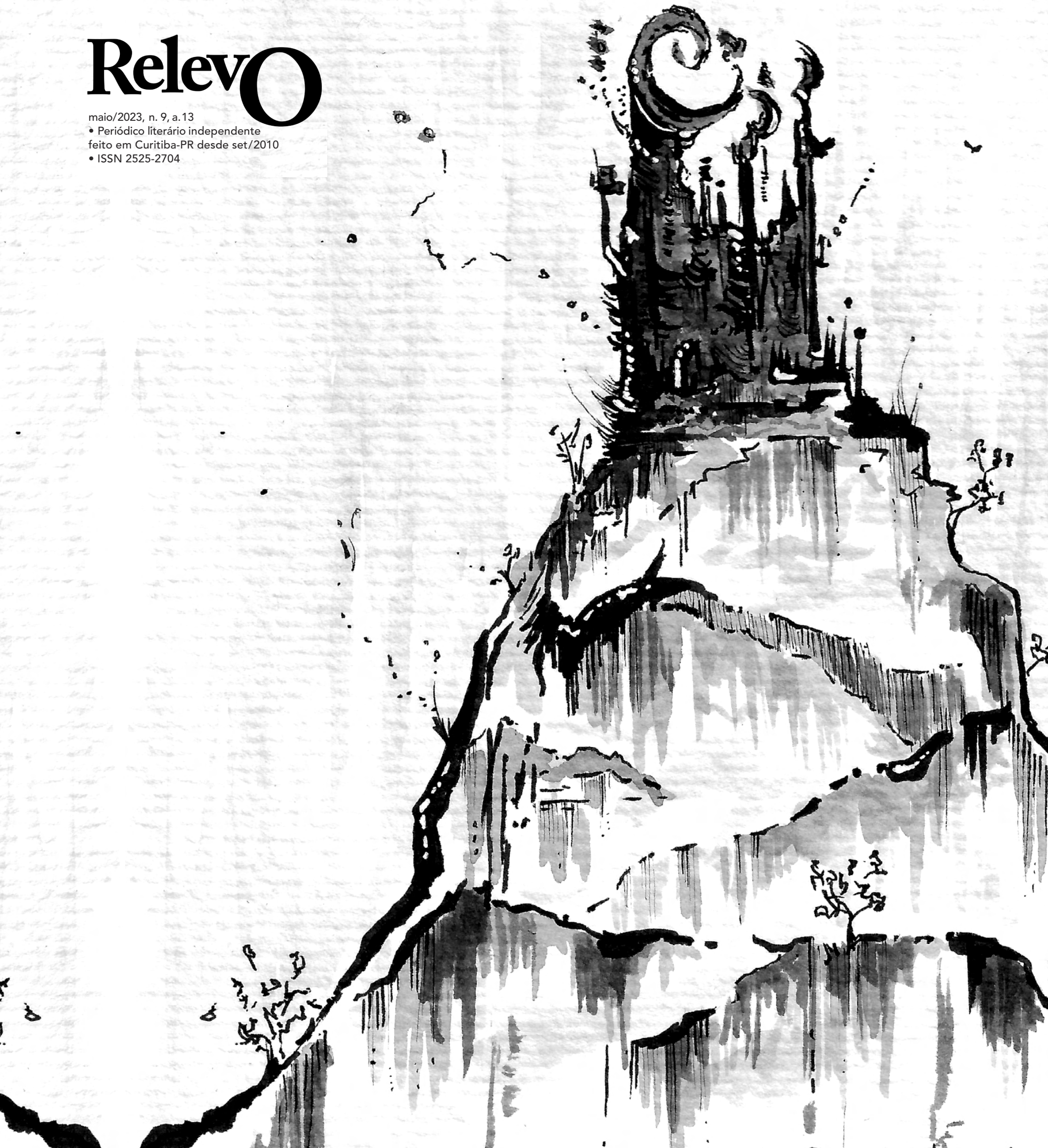
RelevO

maio/2023, n. 9, a. 13
• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Oli Maia [olimaia.net].**

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R$ 35 Nílbio Thé; R$ 70 Marina Pilato; Marceli Mengarda; Fernanda Celuppi; Iata Anderson; Marcos Beccari; Daniela Kern; Lucas Silos; João Pedro Azambuja de Freitas; Lucas Gomes; Mauricio Simionatto; Selma Rodrigues Andrade; Eduardo Pereira de Souza; Anthony Portes; Vítor de Lerbo; Alvaro Divardin; João Roganti; Armando Peres; Guilherme Giesta Figueiredo; Jefferson Ribeiro; Mariana Fonseca Laterza; Andressa Ledur; Tiago Feijó: Emerson Castro; Casa Eliseu Voronkoff; Paula Sperb; Papel do Mato; Marina Salles; Luísa Cristina Dos Santos Fontes; Juliano Lira; Flavio Joppert; Luciano Ganho; Felipe Gomes; Julia Bottini; Raphael Cerqueira Silva; Sérgio Czajkowski Jr.; Mônica Silva; Fernanda Mellwee; Plínio Nunes Souza; Rômulo Cardoso; Maria Larissa Silva; José Ricardo A.Vianna; Isabela Agostini; Ades Nascimento; Dina Maria Dominick; Rosana Cuba; Douglas Laurindo; Editora Tabla; Editora Roça Nova; Marcelo Jungle; Irka Barrios; Luma Boechat; Jack Moretto Bezerra; Júlia Stremel; Valentina Gindri; Francisco Wagner da Silva; Samuel Martins; Raquel Sogaiar; Rafael Sobral; R$ 85 José Amaral Neto; Lis del Barco; R$ 100 Marcos Franceschi; Rodrigo Soroca Lopes; Josiane Mayr Bibas; Regina Portela; Gustavo Piqueira; Iza Magna Brito; Maurem Kayna; Maris Stelmachuk; Flávio Ferreira; Gissele Chapanski; R$ 102 Mariele Groxko; R$ 105 Vinicius Avila; Marleth Silva; R$ 120 Rodrigo Sliva Marins; R$ 140 Luiz Felipe Caldarelli; Aaron Guymoi; Tiago Spack; Klaus Pettinger; Angela Marsiaj; R$ 150 Anthony Portes; Victor Cruzeiro; R$ 200 Juarez Cognato.

TOTAL: R$ 7.047

ANUNCIANTES:

R$ 200 Editora Penalux; Whisner Fraga; R$ 140 Mariana Zambon; R$ 100 Cesar Carvalho; R$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R$ 670

(–) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R$ 2.100
Escritório: R$ 310
Embalador: R$ 50
Autores e ilustradores: R$ 540
Editor-executivo: R$ 1.300
Editor-assistente: R$ 400
Serviços editoriais: R$ 150
Mídias sociais: R$ 400
Diagramação: R$ 200
Infografia: R$ 120

(–) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R$ 200
Correios: R$ 2.100

(–) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R$ 35

(+) Entradas totais: **R$ 7.717**
(–) Saídas totais: **R$ 7.905**

(=) Resultado operacional: **- R$ 188**

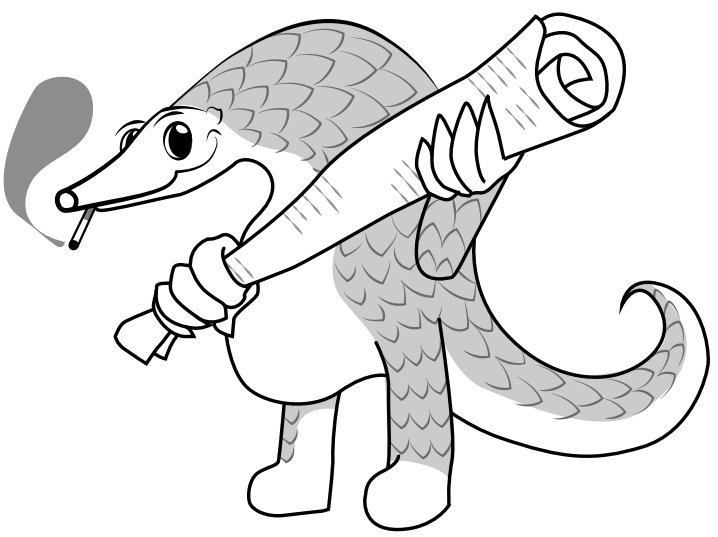
Maio/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de abril de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com
/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

TRISTEZA NÃO TEM FIM

Luana Schegler Oi, Jornal querido, não irei continuar como leitora desse jornal tão bem editado, diagramado e com as capas mais lindas ♥ Acontece que, infelizmente, sou muito burra pra acompanhar a quantidade de referências, e definitivamente não tenho a bagagem necessária para conseguir fazer uma leitura lisa e despretensiosa do conteúdo (nem mesmo as cartas dos leitores). Quem sabe daqui uns anos, com maior bagagem, eu consiga fazer melhor proveito. Parabéns pelo excelente trabalho, é um conteúdo espetacular.

BOA TARDE

Raphael Cerqueira Silva Boa tarde (será mesmo uma boa tarde?, me pergunto assim que acabo de digitar o cumprimento). Recebi agora a pouco o informativo d'o Jornal e, como pediram e insistiram para receber comentários ("lembramos que quem quiser escrever, desabafar, sugerir ou reclamar pode chamar por aqui mesmo"), envio o meu. Desabafo ou reclamação? Sou anti-rótulos, portanto, não o defino (não defino nem a mim mesmo); que o façam os eventuais leitores… A "questã" é a seguinte: faz tempo, muito tempo mesmo, pra mais de quatro meses, que enviei uma crônica para o Jornal. Que não fosse publicada, vá lá, quem sou eu para merecer meia página de vocês? Mas não tive nem um retorno da redação para dizer, no mínimo, que recebeu a croniqueta, ou que é uma bela duma porcaria que não merece publicação, ou que eu vá catar coquinho em vez de escrever... Taí o comentário/desabafo/reclamação que vocês pediram. Inté, minha gente! E simbora estocar vento pra mode arejar nossa mente.

OLHAÍ

João Victor Fiorot Oi, Tamires. vi seu comentário sobre o conto do Etgar Keret (que eu traduzi) na última sessão de cartas dos leitores. Recomendo demais a leitura. Se não manjar do inglês, pega a coletânea *De repente uma batida a porta*, com outros contos dele. Se manjar de inglês, leia o substack dele, o Alphabet Soup.

Massanori Takaki Bom dia, tudo bem? Os exemplares do Jornal chegarammmmm. Que delícia sentir a textura do papel, largar o celular e ficar lendo no impresso, sentindo a mistura dos cheiros da tinta e do papel, a combinação perfeita. Parabéns, vida longa ao **RelevO**.

SKANK NO JORNAL RASCUNHO

Celio Borba Muito oportuna a matéria sobre a banda Skank.

Ronaldo Santos Lage Agora o Jornal chegou. Fora o artigo com o Skank, que é a banda que eu mais odeio na face da Terra, a edição parece ótima.

Taize Odelli Carai que texto show sobre o Skank.

Georgia Eu amo Skank, lembro que já ouvia desde criança, meu pai comprava várias fitas k7, e foi assim que conheci. Eu devia ter uns 5 anos de idade e o Skank tinha 6. Depois, aos 13, lembro de estar no apê da minha irmã e, com o rádio ligado, ouvir Skank passar enquanto eu via os prédios acesos. Ótima lembrança. Na pandemia, vi que a banda ia acabar, fiquei triste até porque eu tava sem dinheiro para ir. Aí em fevereiro de 2023 eles vieram fazer show aqui em Brasília e eu comprei o ingresso assim que liberaram as vendas. Aos 32 anos consegui ir ao show deles. Show maravilhoso, INCRÍVEL. Não há nada como ir no show de uma banda que você gosta. Os caras realmente são profissionais, som lindo, show maravilhoso. Uma delícia ouvir ao vivo. A banda acabou, mas lembremos que Samuel Rosa vai continuar sendo músico, tal qual Nando Reis, que saiu da banda dele há anos e continua fazendo show. E foi isso que deixou meu coração quentinho. Quando Samuel Rosa passar por Brasília, eu estarei lá. Minhas músicas preferidas são "Canção Noturna", "Resposta" e "Balada do Amor Inabalável".

Darson Porto Parabéns pelo texto. Cresci nos anos 1990 e eles foram responsáveis inclusive por eu gostar de música. Saí do último show (?) em CWB triste e feliz. Hoje me sinto satisfeito e com a certeza de que a primeira trinca de álbuns deles é mesmo a melhor fase da banda.

André Serapião Li o texto sobre o Skank no *Rascunho* impresso, diga-se, e amei saber que "Resposta" foi composta inicialmente para a Marisa Monte. Agora eu só consigo pensar nela cantando, adorei tudo, me envolvi a ponto de ouvir as músicas conforme elas eram citadas no texto.

Marcela Fassy Capa linda!

MATERIALIDADES

Gabrielle Martho Domingues Bom dia, Jornal! Demorou uns dias a mais do que eu previa, mas as primeiras edições do **RelevO** chegaram! Achei belíssimas, tô muito feliz com a perspectiva de leituras tão ricas com a materialidade do Jornal! Agradeço muito pelo envio e por toda a atenção! Abraços.

Daniela Souza Oi, Jornal. Fiquei feliz aqui com a chegada do meu exemplar ao meu novo endereço, certinho. E super feliz com o presente, o livro *Jornal Voz do Paraná*: uma história de resistência. Super obrigada! Obrigada e um abraço.

LINKS DA LATITUDES

André Giusti O tamanho máximo dos contos do Festival de Viçosa é de 30 linhas. Das duas, uma: ou queriam fazer um concurso de crônicas, e mesmo assim o tamanho já seria bem reduzido, ou o júri não está muito a fim de gastar tempo lendo os trabalhos concorrentes.

PICOS DE FELICIDADE... E DE TRISTEZA NOVAMENTE

João Pedro Azambuja Olá, bom dia! Espero que venham mais assinantes para o Jornal, que, tal como um relevo de planalto, provoca picos de felicidade e incríveis descidas ao fundo da nossa mente em reflexões reconfortantes. Tenho uma reclamação sobre o meu impresso que até hoje não chegou. Há algum código de rastreio dos Correios? Agradeço desde já!

Natane Araújo Olá, **RelevO**, gostaria de ser solidária ao último e-mail que recebi de vocês, sempre os acompanho, embora não tenha condições financeiras para uma assinatura (sou estudante). Contudo, no último mês foi a primeira vez que tive coragem de mandar algum texto meu para algum editorial, no caso, vocês. Por isso, após o último e-mail, quis mandar essa resposta para falar que, caso em algum momento queiram publicar o texto que mandei a vocês, abro mão da quantidade paga ao colaborador. Não é uma troca pela publicação, afinal devem ter muitos textos bons na fila de espera para serem publicados e a qualidade deve ser priorizada, é apenas um gesto de solidariedade. Abraços!

Samuel Martins Salve! Fiquei comovido com a mensagem (lida somente hoje), mas o que me pegou mesmo foi a alfinetada bem dada na nota de rodapé (naquele que era o jornal do Paraná...blé), por isso segue anexa minha pequena colaboração (assinatura do periódico para ser dada de presente a um amigo). Se possível, encaminhem a ele meus cumprimentos. Vida longa ao **RelevO**!

Dom Valdir Backmann Fico feliz em receber os exemplares do Jornal. São umas leituras muito boas. Parabéns à equipe.

Rozana Gastaldi Cominal Querida equipe do **RelevO**. Nem me fale como abril tem sido cruel! Comecei sendo internada no dia 1° de abril, não foi brincadeira não o diagnóstico: trombose venosa que tomou conta da barriga e da perna esquerda. Mas pensa num estrago! Fiz cirurgia, 6 dias de UTI me recuperando, alta na sexta-feira santa, aleluia! Malhei Judas e o escambau. Justo eu que sou da paz! Mas precisava exorcizar os males que não nos dão trégua. Sigo cada dia melhor, medicação bem farta e cara, umas por 3 a 6 meses e outras de uso contínuo, enquanto houver vida, tomarei. Fiquei fora do ar, das telas, das leituras físicas e virtuais. Na última semana do mês, dou o ar da graça já com o pé direito. Vejo agora a capa linda do Jornal que deveria ter chegado, no entanto, até a presente data, não veio. Sempre me gabei de receber o exemplar em dia enquanto lia o rol das lamentações de atrasos e números perdidos. Talvez tenha chegado a minha vez de cair nessa caixa de Pandora aberta à minha revelia. Verifiquem para mim, por favor, se houve o extravio ou uma conjuração do além. E podem encaminhar abril e maio juntos, o envio duplo me deixará radiante, quem sabe até consigo adiantar a assinatura para fechar a porta da desesperança. Dedos cruzados, juntando os trocados e velas acesas para o restabelecimento de nossa saúde física, mental, financeira. Tudo vai dar certo ✔ Forte abraço e até!

Rafaella Silva Nossa… linda capa de abril, mesmo! Ainda tô lendo a edição de março, mas ansiosa já pela de abril.

Dina Maria Dominick É um lindo jornal! Sou assinante. Fiquei muito orgulhosa e honrada em colaborar para a edição deste mês com o conto "A outra mulher". Agradeço a oportunidade.

José Amaral Neto Em mãos, mais uma edição do #jornal #impresso **#RelevO**: um ente vivente de papel entre nós. Vida longa aos que acreditam que há vida inteligente para além do #digital. Duas estruturas que deveriam coabitar sem a atual autoflagelação. Escrever é um ato de fé na vida. E publicar em papel é registro que fica. Sem precisar se preocupar com o backup. Sigo entendendo que a missão evolutiva do ser humano é caminhar em frente espalhando a #palavra. Registrando com tinta naquilo que a absorve. O papel. Traga para luz junto a isso, as #resenhas literárias; a opinião de que encanta-se com a poesia; o trato linguista da beleza da língua brasileira. O necessário acesso à #literatura universal. Sem o engessamento que se começa a produzir com o teleguiado #chatGPT e seus #modelos. No meu quadrado, entendo que o #papel nunca vai ser superado. Claro, pode evoluir em sua textura e formatos como vem fazendo desde os tempos de seu inventor (ano 105 depois de Cristo), o chinês T'sai Lun. Parabéns a toda equipe por resistirem desde 2010 com a excelência do trabalho. Talvez a estratégia passe por revigorar o caminho trilhado na divulgação da existência do periódico. Em tempos sombrios, a busca pela 💡 tornar-se mais sagaz. É apertado e aflitivo, mas o tempo sempre é o senhor da razão.

Jack Moretto Bezerra Enviei e-mail sobre renovar a assinatura, mas ainda não tive retorno. Tenho interesse em seguir com esse projeto projetinho tão incrível que tenho acompanhado há um tempo.

Diogo Richter Tem edição que não consigo parar para ler, mas vale seguir assinando para manter este projeto incrível de pé.

Camila Cardoso Chegou. Fiz a assinatura do meu 1° jornal literário 💜. O **RelevO** é muito diverso, com crônicas, poesias, ensaios e arte. A assinatura anual valeu a pena, R$ 70. Assinei em março e recebi as edições de janeiro, fevereiro e março. Não é publi, gente! É indicação sincera, pura e simples.

Noah Mancini Hoje recebi em casa os exemplares do **RelevO**, o qual tive o prazer de publicar alguns trabalhos meus. Produzidas entre 2016 e 2021, 5 colagens digitais e um desenho em grafite (que inclusive também está no livro Excertos, comprem) preenchem algumas das páginas recheadas de poética. O Jornal é produção independente com distribuição gratuita e faz tudo com ajuda de apoiadores (é super fácil e pouco custoso assiná-los). Tem muito trabalho chique nele. Estou muito feliz de lê-lo, de compô-lo e de agora tê-lo em mãos para não parar de folheá-lo, até que a tinta e o papel se desfaçam junto a meus dedos.

DÚVIDAS DOS LEITORES

Damião Arrigó

1- Qual a linha editorial de vocês?
2- Publicam o quê exatamente? (poesias, contos, crônicas, folhetins: novelas e romances; ou artigos acadêmicos, artigos, análise literária etc.?)
3 - VALOR (e tipos de assinatura: se mensal, bimestral, semestral, anual) DA ASSINATURA ?
4 - MAIS IMPORTANTE:
a) Vocês seguem somente a linha de priorizar OBRAS MODERNISTAS (na pegada do que se produz a partir de 1932 pra cá) ou publicam CLÁSSICOS nos moldes TRADICIONAIS também?
5 - Eu escrevo (nos dois modelos: MODERNISTA (verso livre, branco, branco e livre, aldravia, etc.) e o CLÁSSICO TRADICIONAL (sonetos, trovas, quadras, redondilhas, odeia, baladas etc.). Poderei ter obras minhas (poemas, contos, novelas, HQs) publicadas neste Jornal?

UM BONITO DIÁLOGO NO INSTAGRAM

Gabriel Salomão Passe o pix que eu compro, amor

Jornal RelevO Que demais! Seguem os dados. Aí passa o seu endereço com CEP pra gente?

Gabriel Salomão MDS respondi o stories errado! Era pra responder o anterior, do meu amigo pedindo um iPhone no close friends. Desculpa!

Procedimentos

Desde o fim de outubro de 2022, o **Jornal RelevO** centralizou no Substack o envio de seus materiais digitais. Em linhas gerais, trata-se de uma plataforma que permite enviar textos por e-mails, armazená-los e catalogá-los em newsletters diferentes. Também permite cobrar por conteúdos exclusivos. No nosso caso, recebem os informativos nossos assinantes; antigos assinantes da Enclave e da Latitudes (então no Mailchimp) que não se descadastraram; quem se cadastrou por vontade própria pelo site [jornalrelevo.com]; e, provavelmente, amigos que não abrem a caixa de entrada há seis anos.

Para um periódico de papel e de literatura, o Substack é uma ferramenta espantosamente prática. Permite que dividamos os bastidores da nossa cozinha editorial, recuperemos conteúdos esquecidos no porão da nossa memória, informemos aos leitores as oportunidades do meio cultural (via Latitudes, voltada a concursos e afins) e sigamos na miscelânea divertida da Enclave, nossa newsletter de… nada específico. Sobretudo, facilita nossa regularidade, algo que já replicamos na edição impressa e que, acreditamos, estreita a relação com a nossa base de leitores.

Em pouco mais de seis meses, notamos um crescimento de seguidores digitais em todas as frentes, das redes sociais ao próprio cadastro disponibilizado pelo site. O que isso representa? Mais *share*, mais assinantes no jornal físico. Em suma: quanto mais o conteúdo *anda*, independentemente do caminho, mais assinantes conseguimos para o impresso, que é quem paga a conta, ao menos diante do que oferecemos hoje. Assim, interessa-nos – e muito – como encontrar o tom ideal entre conteúdo gratuito e remunerado. Basicamente, a proporção entre quem curte descompromissadamente o que produzimos e quem assina e anuncia conosco.

Ainda nessa direção, de tempos em tempos, estamos recebendo menos votos de extinção e de solidariedade. O famoso "por que não ser apenas digital?". Notamos, com certa naturalidade, um cansaço progressivo com a experiência digital por parte de usuários. Bem, nos chamam de usuários. Cada vez mais, as pessoas estão buscando estratégias de melhor uso de seu tempo de qualidade, até para gastar menos com remédio e mais com vícios lúdicos, como bebida, aposta e jornal de literatura. Ao mesmo tempo, não aspiramos a um universo pré-internet. Pode surpreender a alguns, mas não somos saudosistas (*che serà, serà*).

Assim, pensamos em ferramentas que (1) facilitem nosso trabalho, pois ainda tratamos a existência digital como fardo; (2) aumentem a nossa base de leitores; (3) melhorem a comunicação com a base atual de assinantes e curiosos. Aos poucos, encontramos o nosso ritmo de forma a equilibrar constância com qualidade (ao menos a mesma qualidade destas páginas). O cansaço generalizado das redes sociais, que reinavam absolutas até pouco tempo, favorece o trabalho regular, repetitivo e pouco Pavloviano do **RelevO**. Também nos anima observar o nascimento de alternativas a esse sistema primal de estímulo e resposta com que nos acostumamos. O Substack – que não nos paga nada e, ao contrário, poderá receber de nós a partir do momento que estruturarmos conteúdos pagos lá – é uma delas, e reforçamos o convite para nos acompanharem por lá [jornalrelevo.substack.com].

Uma boa leitura a todos.

APOIADORES

Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance "A boa lição" (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

OMBUDSWOMAN 5: escrever como Fulan_ e o plágio que tem pressa

Amanda Vital

Car_s leitor_s, vou aproveitar a coluna de hoje – e tentar esconder o fato de que não deu tempo de meditar sobre os textos da edição anterior do jornal (tive 30 dias mega conturbados), e a gente não deve falar de coisas que não leu, por honestidade intelectual, esse princípio tão pouco cumprido nos *networkings* atuais – para falar de duas pautas bem pouco importantes, por acaso, mas que também por acaso têm cercado alguns debates que tenho acompanhado muito (e participado nada, por não ter nenhum arcabouço pessoal a acrescentar, já que a vivência tem contado bastante para a propriedade de fala no debate contemporâneo; o que não é uma crítica, só um apontamento, mesmo). O título que utilizei para o texto é autoexplicativo: quero falar do problema da escrita que quer alcançar uma espécie de "nirvana de autor_s", se é que posso chamar assim, escrita essa que em si é um problema, mas que seu público leitor também contribui bastante para essas comparações e a autenticidade não dá a cara nesse rolê; e ainda do "plágio de estilo", o que está do outro lado dessa moeda, ou seja, d_ autor_ que sente que foi plagiad_ porque vê alguém escrevendo "em um estilo semelhante ao da escrita del_" depois de lidos uns três ou quatro versinhos (aí é que entra o "tem pressa": para apontar o dedo) e tudo se torna uma grande e cíclica batalha de ego, frequentemente com ambos os lados fazendo as pazes no final, e seus exércitos partidários com uma cara de tacho ridícula uns aos outros. Isso quando não se enganam, a outra pessoa sai cancelada e ninguém mais fala nela. Vamos a essa doçura de papinho?

O problema da escrita que pretende alcançar autor_s – geralmente já consagrad_s, ou com alguma relevância maiorzinha – tende a ser por base apenas um, que pode se bifurcar e bifurcar as bifurcações, mas é esse: ela se esvazia. Se esvazia de todo o conteúdo que poderia ser trabalhado, com a vivência e o olhar ao mundo da própria pessoa, e é apenas forma; algum trabalho com a linguagem, sim, mas geralmente marcada pelo uso excessivo de repetições de palavras, de estilos de versos, de modos de dizer, de mancha gráfica diferentona. Enquanto leitora, me pergunto se realmente aconteceu um ímpeto para que aquela criação acontecesse, porque não me diz absolutamente nada (a gente parece que sabe, que sente quando vem de um lugar de "querer alcançar o outro", lê-se a agonia, o desespero, a pressa em querer ser o/a X contemporâneo/a; e se X for ele/a mesmo/a contemporâneo/a, o/a X novíssimo/a ultra high tech premium version na versão 1.7.1.2023b). Se essa escrita teve alguma razão de ser, de existir, de vir ao universo literário que não a equiparação, seja ela intencional ou não. Se incomodou, chacoalhou, tirou a pessoa da cama, da reunião, do jantar em família; se ela teve de alcançar algum papelzinho para anotar a ideia quando veio o clique; se ela se sentou e discorreu a partir de uma coisa que bateu nela – que ela sinta que tenha batido nela, ainda que tenha ricocheteado em vári_s autor_s primeiro; se ela lapidou ou deixou cru (se isso foi importante para ela, porque é assim como ela escreve, ela não leu uma rotina de criação, um "Como eu escrevo" de Fulan_ de Tal para fazer igualzinho); se ela pediu opinião a colegas ou só publicou no Instagram com uma fotografia a preto e branco escolhida por ela; se ela fechou um livro às pressas e foi escrever, porque sim, porque precisava. Se escreveu porque precisou escrever. Porque se não tiver sido assim, não tem graça nenhuma, tem? Tem tanta graça assim ser um_ X contemporâne_? Ter a sua escrita na crítica apenas em forma comparada, não estudada de forma única, específica, focada? Ter leitor_s tecendo elogios puxados sempre, sempre, sempre para esse campo? Ter seu nome atrelado àquela pessoa durante toda a sua jornada literária? Essa questão é bastante similar a_s discípul_s de cert_s autor_s, *protégées* que vivem constantemente à sombra daquelas pessoas que "descobriram" sua literatura e decidiram batizá-la como uma extensão da sua. Mas nesse caso, é a própria pessoa se atirando aos leões. Ou seu público leitor fazendo isso por ela – e nesse caso, duvido muito que seja intencional, ao menos em um primeiro momento; pode ser algo a ser explorado depois que a pessoa viu o *hype* que dá ser como Fulan_, e os likes são tão gostosos… Será que é um caminho legal? Se sim, é legal porque a cópia geralmente incomoda? É proposital desde o primeiro verso? É consciente? (É ingênuo achar que não seja consciente?) É masoquista? A prática batiza uma nova escola literária? Ou é só um exercício, sempre um exercício de escrita, que nem deveria ser pauta nesse jornal?

No caso, a pessoa que pretende ser "o/a novo/a X" segue um caminho tortuoso, sim, mas ao menos tem a honestidade de não se apropriar e dizê-lo logo. Deixar a referência em cima da mesa e não tomar quase nada como seu (porque pouco é). Até porque existe o lado de quem "é plagiado". (Mas será que é, mesmo?) Uma nova onda de autor_s que vêm apontando o que chamam de "plágio de estilo". Há patentes de estilo em literatura e não se sabe: a prosa poética, o verso quebrado pseudoconcretista, a caixa de texto, o soneto em 2023 – e as formas fixas com oralidade bem definida por escrito, com marcas de fonética, coisa e tal –, os hífens, os temas da mulher, do urbano, do imigrante, a referência àquele poeta guatemalteco "que só eu conheço, poxa, como assim Fulan_ está referenciando ele na poesia também?"; em suma, tudo o que se produz e é visto também na escrita do outro é motivo para erguer o dedo do alto de seu privilégio – geralmente são branc_s de classe média, mesmo –, porque mamãe não me ensinou a dividir pipocas, para dizer: "isso é meu, ué. Eu escrevo assim, desse jeitinho aí. Tenho um poema quase igualzinho (*adendo: mostra o poema e não tem nada de mais ali, é tudo do ego da pessoa*). Eu criei esse estilo que você usa, para fazer esses versinhos seus aí". E não criou patavina alguma, que a escrita é uma costura de um monte de outros discursos, de outras literaturas; se fosse assim, todo mundo plagia todo mundo. Melhor: todo mundo plagia O mundo. Não tem um cidadão inocente para contar história. O que cargas d'água é um plágio de estilo? Existe "patente" para uma forma de se escrever no universo literário contemporâneo? Patentes deveriam realmente existir em arte, em literatura, em cultura? Devemos pensar em abrir franquias para versos livres? Você, leitor_, tem domínio da sua escrita a ponto de saber quando alguém está "imitando seu estilo"? Eu uso tênis all star com meia soquete, aquelas que o tênis engole, e vejo várias pessoas assim na rua, será que devo me preocupar em ir atrás dessa gente toda?

E percebem como vira algo complexo, galerinha? Porque o primeiro caso também poderia ser tratado como um "plágio de estilo", porque trata-se de uma pessoa escrevendo "como outra". Mas acontece que, no primeiro caso, quando já não está clara a fonte bebida (geralmente está), essa outra pode não confirmar, mas não nega se inspirar em X. No segundo, quando você é o/a próprio/a X, é você acusando primeiro. Você lança a primeira pedra. Percebe o tom de "diva" da coisa, em acusar o outro que você nem sabe se conhece o que você produz ou não? Se conhece, como comprovar que sua criação é baseada em copiar você? Porque para justificar, você vai fazer uma listagem de um monte de coisas que um monte de outras pessoas também usa, também usou antes de você pensar em existir. Ficou confuso? Eu também. Mas acho que já expliquei o que queria pontuar e dar minha colherzinha de pitaco em tudo isso, porque é muito cansativo não ser aquela amiga que dá uma cutucadinha de leve na pessoa naquele evento maroto e dizer "amig_? Desapegue um pouquinho, vá?". E as pessoas que têm essa oportunidade não usam e vão falar sobre isso só pelas costas. É mole?

Leiam jornais antes de escrever textos. Mas se não quiser, não precisa. Mas meio que precisa. Nesse caso, precisava, mesmo.

João Alexandre

A Poeta

— Tá procurando o seu cu, ô babaca!?

Eu estava sentado em uma das mesas do Bar da Zezé, na Rua Júlia da Costa, sozinho. Tomava uma cerveja e olhava para o nada, pensando nos livros que não ia escrever, nas mulheres que não ia comer, na vida que não iria ter quando a mulher robusta que vestia uma camiseta das Runaways e um boné com a aba virada pra trás mandou essa frase. Saí do meu transe e percebi que ela olhava na minha direção.

— Tá falando comigo?

— E por acaso tem algum outro filho da puta comendo a minha namorada com os olhos?

Só aí que notei a namorada. Magrinha e baixinha, cabelos castanhos curtos, usava um vestidinho vermelho florido e óculos com aros de tartaruga.

Fiquei em silêncio, observando.

— Vai falar nada não, seu escroto!?

— Por favor, para com isso. Que vergonha!

— Vergonha!? Você é mesmo uma putinha.

— Para.

— Paro porra nenhuma. É isso que você quer? — tomou de um só gole o copo de cerveja na mesa do bar e emendou olhando pra mim: — Pode ficar com essa vagabunda pra você.

Se levantou e desceu para a escuridão da Júlia da Costa.

A namorada, cabisbaixa, sem conseguir conter o embaraço que sentia, disse bem baixinho na minha direção um "me desculpe" e depois seguiu rua abaixo.

Continuei sentado, imóvel, sozinho com meu litrão de Brahma. Notei que a Zezé estava atrás de mim.

— Tá tudo bem com você?

— Sim — respondi—, tudo certo.

— Não leva pro lado pessoal, essA Poeta é foda mesmo.

— Poeta, como assim?

— Sabe A Poeta? Então, é ela.

Sim, eu sabia quem era A Poeta. E se você já frequentou os inferninhos de Curitiba, deve saber quem é também. É comum encontrar os poemas dela gravados nas paredes dos banheiros dos bares, nos muros das praças, nos postes das ruas e até em alguns paralelepípedos do Largo da Ordem.

No banheiro da Zezé tinha um, em cima da privada, escrito com uma Pilot vermelha:

"NÃO HÁ UM BAR
DESSA CIDADE
QUE EU NÃO TENHA FALADO
DE VOCÊ
- A POETA"

Os outros poemas dela iam todos nessa linha.

"CORAÇÃO DE LUTADOR
NÃO PARA DE BATER
- A POETA";

"A VIDA PODE SER BOA
BASTA VOCÊ AQUI
- A POETA" ;

" VOCÊ É UM POEMA
QUE VERSA SOBRE MIM
- A POETA"

Sinceramente, eu achava tudo uma merda. Eles estavam por toda a cidade e me incomodava existir tanta gente que achava lindo aquela porra. Na época eu trabalhava em um escritório, o que é outro jeito de dizer que eu não gastava um centavo com lápis, canetas, borrachas, apontadores e papel sulfite. Foi durante o trabalho que matutei a ideia. Peguei uma caneta Pilot vermelha do almoxarifado e a coloquei no bolso. Desde então, para todo lugar que eu ia, a Pilot estava comigo.

Comecei pelo Bar do Durva, na Vicente Machado. Discretamente entrei no banheiro feminino e escrevi na parede o seguinte:

"A TERRA É PLANA
E MEU PAU É TORTO
PRA ESQUERDA"

Outra noite passei diante da mureta do Pedro Lauro, lá pelos lados da Itupava, e mandei:

"CHUPEI O PAU
DA BARRACA"

Na janela do Torto Bar, na Paula Gomes:

"SORRISINHO DE DEBOCHE
É RESPOSTA DE PUTA"

No banheiro do Lado B, na Inácio Lustosa:

"E O CORVO
CONTINUAVA DIZENDO:
NEM FUDENDO!"

Até fui pros lados dos playboys do Batel, em algum daqueles muquifos do Shopping Hauer, só pra escrever em alguma mesa de metal pregada na calçada:

"NA BALADINHA DO BATEL
BATEU
O SEU PAPEL?"

A ideia era escrever um poema mais escroto do que o outro. Mas a cereja do bolo estava sempre no final, na assinatura:

"- A POETA".

De repente, comecei a notar uma certa movimentação nas redes sociais. Pessoas tinham o hábito de tirar fotos dos escritos nas paredes da cidade e postá-las em seus perfis do Instagram. Começaram a tirar fotos dos meus poemas escrotos e marcarem ela, A Poeta.

Um dia A Poeta fez uma retratação em seu perfil, alegando que estavam sujando o seu nome. Resumindo o óbvio, alegava que boa parte desses poemas eram de algum impostor, que não tinham veia poética e que o objetivo era o de simplesmente difamá-la. "Que porra é essa de chupar pau de barraca!? Eu lá tenho cara de quem chupou um pau na vida?"

Li a retratação dela durante o horário de trabalho e fiquei com a doce sensação de uma missão cumprida. Na mesma noite saí pra comemorar meu feito e fui até o Vila Bambu, na Trajano Reis. No boteco em frente, cujo nome não lembro (porque tá sempre mudando), vi ela, A Poeta. E não só ela, a namorada de semanas atrás continuava lá, com o mesmo vestidinho vermelho florido e os óculos de tartaruga.

Elas não conseguiam me ver de onde eu estava e eu também não conseguia ouvi-las, mas deu pra notar que o clima não estava muito bom do outro lado da rua. A Poeta falava com uma carranca, pontuando com violência o dedo indicador contra a mesa de plástico enquanto a namorada continuava cabisbaixa, visivelmente segurando um choro.

A namorada então se levantou e subiu a Trajano Reis. A Poeta continuou sentada, com a carranca que se via de longe. Não deu um minuto, virou o gole de cerveja de uma só vez e correu Trajano acima.

Atravessei a rua e fui até a parede do bar, bem atrás de onde as mulheres estavam antes sentadas. Saquei a Pilot e escrevi:

"CÁRCERE PRIVADA
NÃO ERA AMOR
ERA PRISÃO DE VENTRE
- A POETA"

Depois fui pra casa.

Foi aí que o tiro saiu pela culatra.

Assim como os outros, o "Cárcere Privada" também bombou nos perfis do Instagram.

"Tão eu"; "Que coisa linda!!!!"; "Simplesmente apaixonada nesse último da Poeta"; "vdd, relacionamento tóxico é mesmo uma merda" eram os tipos de comentários que acompanhavam os posts sobre o poema. E tinham vários posts. Vários.

Eu realmente não achava aquele poema tão bom, mas depois de um tempo comecei a acreditar que ele até tinha o seu valor. Havia a zoeira, reconheço, mas também aquela sinceridade que faz um poema não ser um "batatinha quando nasce. . ." ou qualquer outra bosta.

A gota d'água foi quando vi na tevê, durante o almoço, uma entrevista com A Poeta no jornal local.

— E quais são as inspirações para os seus poemas?

— Gosto muito de Hilda Hilst, mas são basicamente sobre os meus amores, minha vida.

— Lê um poema pra nós, então. Adivinha qual essa filha da puta leu?

— Cárcere privada. Não era amor, era prisão de ventre.

— Lindo — disse a repórter. Em seguida, ela terminou a matéria com o seguinte comunicado: — Se vocês quiserem adquirir um exemplar de *Poemas do Cárcere*, dA Poeta, o lançamento vai ser nesse sábado, a partir das oito horas, no Café do Teatro.

Poemas do Cárcere? Que filha de uma puta.

Fiquei o resto da semana pensando no que fazer. Não podia simplesmente deixar barato.

Às oito horas daquele sábado, estava eu no Café do Teatro, na Rua XV.

Sentei em uma mesinha escura, no canto, e fui pedindo uma long neck de Stella Artois atrás da outra. A Poeta estava lá, mas não estava sozinha, a namorada também estava. Um sorriso simpático e alegre atrás daqueles óculos de tartaruga.

A Poeta então subiu ao palquinho no canto do café e leu alguns dos poemas do livro. "Cárcere privada" não era o único meu que estava lá, havia outros. Na certa foi uma justificativa pra fase escrota dos poemas, mas eu sei lá. É muito baixo roubar a poesia de outra pessoa.

Uma Stella atrás da outra e eu pensava no que fazer. Pensava no livro que não ia escrever, nas mulheres que eu não ia comer, na vida que eu jamais iria ter. Depois das leituras, A Poeta sentou-se em uma mesa e começou a autografar os livros de seus fãs. A namorada continuava ao lado dela.

Levantei, paguei minha conta no caixa, comprei um exemplar de *Poemas do Cárcere* e fui pra fila dos autógrafos.

A Poeta parecia ser outra pessoa, ela sorria e estava vestida em um terninho azul, sem aquela porra de boné com a aba virada pra trás. Pessoas até poderiam dizer que ela era simpática.

Chegou a minha vez. Coloquei o livro na mesa e ela foi abrindo na primeira página.

— Pra quem eu autografo? — Ela perguntou, olhando nos meus olhos. Não me reconheceu.

— Na verdade, eu é que gostaria de autografar.

Abri o livro na página em que "Cárcere privada" se encontrava, tirei a Pilot do bolso e assinei abaixo do poema:

PEDRO PAULO.

Pude ver a expressão de dúvida dela se transformando naquela boa e velha carranca que eu conhecia. A namorada, ao lado, levou os olhos da minha assinatura no livro até mim. Acho que havia algum sorriso na minha cara. Um sorrisinho de deboche. Deixei o livro na mesa e saí do Café.

***

Um pouco mais de um mês, voltei pro Bar da Zezé. Tomava um litrão de Brahma e pensava nos livros que não escrevia, nas mulheres que não comia, na vida que eu não tinha quando escuto bem baixinho atrás de mim:

— Com licença, posso conversar com você?

Os cabelos castanhos agora estavam na altura dos ombros. O mesmo vestidinho vermelho florido. Os óculos de tartaruga.

— Claro, quer sentar?

Ela puxou uma cadeira. Esperei ela dizer alguma coisa.

— Você lembra de mim?

Assenti com a cabeça e perguntei:

— Cadê a sua namorada?

— Você quer dizer ex-namorada?

Esperei ela continuar.

— Deve estar por aí. Não me importo. Já não tô mais constipada.

Eu dei uma risada. Ela também.

— Posso te fazer uma pergunta? — Ela disse.

— Claro.

— Naquela noite, você tava olhando pra mim, não tava?

Eu ia começar a responder quando a Zezé chegou na mesa:

— Trago mais um copo?

— Por favor — respondeu a ex-namorada.

— Desculpa, qual o seu nome?

— Giovana.

— Prazer.

— O prazer é meu, mas responde, você tava olhando pra mim, né?

— Na verdade, não. Eu só tava pensando.

— Pensando no quê?

E falei sobre os livros que queria escrever, as mulheres que queria comer, a vida que eu queria ter. Ela queria saber tudo sobre mim e eu queria saber tudo sobre ela. Passamos a noite inteira conversando, uma conversa que até hoje está bem longe de terminar.

"**O Caminho do Mal** narra a complexa história de amor de Maria Noina, filha de proprietários de terras, e de seu servo Pietro Benu. Incapazes de encarar as contingências da divisão de classes, eles têm seus desejos contrariados pelos códigos sociais de sua época, acarretando autocensura, relações de ódio e a constante tensão entre as suas pulsões e as convenções da comunidade em que vivem. Esses sentimentos de atração e repulsa, paradoxalmente, os unem. Maria e Pietro se amam. E seu amor é possível somente se ambos seguirem pelo caminho do mal."

Pré-venda no site da Editora Patuá: https://**bit.ly/3KN236V**
Tradução de **William Soares Dos Santos**

O caminho do mal

Grazia Deledda

Tradução, notas e posfácio
de William Soares dos Santos

Conto integrante de Marias de Pedra e Mel *(Editora Penalux, 2023)*

Maria do Rosário

Ao rezar a décima nona unha da última cliente do dia, já não a distinguia de suas santas. Rogava tanto à senhora de mãos espichadas à sua frente, como às pálidas mães sagradas dispostas sobre o filtro de barro no canto do salão. Desde as oito da manhã sentada diante de suas sinhás, somava por dia mais de trezentas unhas cortadas, lixadas, descarnadas, pintadas. A cada dedo, Salve Rainha. Mãos terminadas, Pai Nosso que estás nos céus. Livre dos pés, Ave Maria! Em troca, "Deus te abençoe, minha filha". Afinal, era mirrada, trabalhadora, quieta, humilde. Em sua condição, merecia ser feliz.

Mas não era. Queria ser. E haveria de ser com fé em Nosso Senhor do Bonfim e na boa vontade do ortopedista de plantão. Quando podia, roubava cinco minutos da jornada diária para esticar-se, beber água, olhar recados ao celular e logo retomava a obrigação.

Paciente diante dos pés calosos da madame da vizinhança, ouvia sua ladainha nutricional, seus pecados gastronômicos, a pirraça da balança viciada, a incompreensão do médico. Ela bem que podia me dar um daqueles canapés sem glúten que traz na *bag* térmica. Alcaparras, palmito e salmão. Muito dignos: cheiro e sabor de riqueza.

Na hora do almoço, corria até o banheiro enquanto as colegas esquentavam marmitas e disputavam um lugar à bancada do micro-ondas. Comia de pé em troca de um tempo sem batidas à porta da sua intimidade. Sob sol forte, encontrava conforto embaixo da sua linda árvore de estimação, a única restante na rua, onde almoçava sanduíches de sardinha.

Certa manhã, encontrou sua amiga verde ceifada. Desfeita, retalhada. A inveja nunca tolerou exuberâncias. No mesmo dia foi demitida por arrancar um bife do mindinho da gerente do salão.

Revolucionou-se. Largou miudezas e foi trabalhar com outras escalas. O vazio da árvore impulsionou sua plantação de mudas. Elegeu as magníficas, que lhe foram arrancadas junto com a infância. Amendoeiras, cajazeiras, mangueiras, jaqueiras. Autorizou-as a renascerem nos mesmos locais de seus abates. Depois, contemplou a nova paisagem, onde brotaram majestosos troncos, galhos e folhas em rodovias, viadutos e avenidas, por dentro de prédios, estacionamentos, igrejas e outras quinquilharias mercantis.

Deitada sobre a copa da árvore ressuscitada na casa em que nasceu, voltou a sorrir para as nuvens que lhe acenavam felicidade.

Assim, virou Iroko.

***

Uma vez Tempo, rompeu seu rosário. As contas, lançou-as longe, aos pés das nossas senhoras que abandonara no salão.

Audre Lorde

Tradução de Rafael de Arruda Sobral

Audre Lorde (1934-1992) publicou muitos livros de poesia, dentre eles *The First Cities* (1968), *From a Land Where Other People Live* (1973), *Between Our Selves* (1976), *The Black Unicorn* (1978), *Our Dead Behind Us* (1986) e o póstumo *The Marvelous Arithmetics of Distance* (1993). Além disso, publicou textos em prosa e o que ela chamou de "biomitografia": *Zami: a new spelling of my name* (1982).

Smelling the Wind

Rushing headlong
into new silence
your face
dips on my horizon
the name
of a cherished dream
riding my anchor
one sweet season
to cast off
on another voyage

No reckoning allowed
save the marvelous arithmetics
of distance

Sentindo o Vento

Apressando-se precipitadamente
ao novo silêncio
sua face
imerge em meu horizonte
o nome
de um estimado sonho
conduzindo ao meu esteio
uma suave estação
para abandonar
em outra viagem

Nenhum cálculo permitido
salva a maravilhosa aritmética
da distância

FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos
FLESCH_NOTES

Thaw

The language of past seasons
collapses pumpkins in spring
false labor slides like mud
off the face of ease
and whatever I turn my hand to
pales in the sun.

We will always be there to your call
the old witches said
always said always saying
something else at the same time
you are trapped asleep
you are speechless
perhaps you will also be
broken.

Step lightly all around us
words are cracking
off we drift
separate and syllabic
if we survive at all.

Derreter

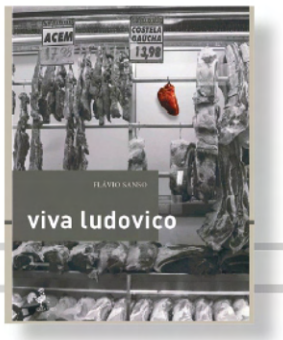
A linguagem de estações passadas
colapsa abóboras na primavera
trabalho falso escorrega como lama
na cara da comodidade
e seja lá onde eu passe a mão
ofusca-se ao sol.

A gente sempre vai estar lá ao seu chamado
as antigas bruxas diziam
sempre diziam sempre dizendo
algo mais ao mesmo tempo
você está presa dormente
você está sem palavras
talvez você também estará
repartida.

Pise levemente ao nosso redor
palavras estão decompondo-
se nós divagamos
separadas e silábicas
se sobrevivermos enfim.

Referências
LORDE, Audre. *The collected poems of Audre Lorde*. New York/London: W. W. Norton & Company, 2000.

Olivia/20



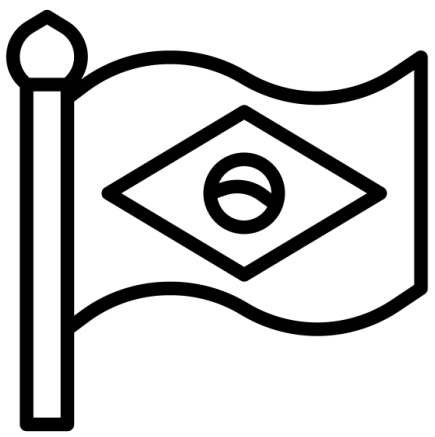
Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Governo Federal promove evento de troca de estado de nascença para brasileiros

Compatriotas insatisfeitos agora poderão negociar entre si sob a tutela do Otrane. Para promover o rebatismo estadual, Ministério do Turismo prevê "Feirão do Ex-tado" para agosto.



Edson Borges, 34, muito fã de Dorival Caymmi – "e do Dorival Júnior, acrescenta aí" –, tem um problema: nasceu em Santa Catarina. Mais especificamente em Garuva, onde o trânsito é muito complicado nos feriados. Seu sonho? Ser baiano. Mas não apenas *na prática*. Edson quer *nascer* na Bahia. Atento a esse tipo de demanda, o Governo Federal, por meio do Ministério do Turismo, criou o Otrane, o Órgão de Transição de Estado, que permitirá ao cidadão brasileiro com as contas em dia e o título de eleitor regularizado alterar seu estado de nascimento.

Borges não está sozinho em sua angústia. Nas redes sociais – o único ambiente em que nos dispusemos a pesquisar, pois ninguém bancou o deslocamento do **RelevO**, e, bom, jornalismo não é basicamente isso mesmo? –, as reações são efusivas, alternando entre uma bela leitura de espírito do tempo por parte do Governo Federal a *fancams* de deputados com trilha sonora de K-pop. Vejamos em detalhes.

Conhecemos Lucila Diamante, ou @lcldmnt, 36, "empreendedora raiz" (palavras dela; não questionamos). Carioca, ela quer ser mineira porque odeia praia e "porque mineiro é tudo meio trouxa mesmo; eu adoro". Diamante é fã de Skank: "achava que era uma forma de droga. Fui ouvir, no começo achei que era droga mesmo, mas, 30 anos depois, posso dizer que assimilei e uso duas vezes por semana". Também interagimos com Carlo Matsunaga, 29, herdeiro ("basicamente"). O paranaense quer se naturalizar cidadão de Balneário Camboriú, mas aceita – "com muita humildade" – começar por Itajaí, "tipo jogador que sai do futsal pro futebol de campo". Ele até torce para o promissor Hercílio Luz, "fiz sócio e tudo". Infelizmente, há menos de um mês, na semi do Catarinense, Matsunaga se exaltou em um *open bar* e nos enviou duas fotografias do estado atual de seu pênis, uma diferente da outra.

Insatisfeito com os nudes e sedento pela notícia, o **RelevO** buscou mais personagens, mais fontes, mais *hard news*. Contudo, encontrou apenas o enfadonho Benjamin Bruno, entusiasta da banda Paramore (apesar dos 40 anos). "Sempre me senti no corpo territorial errado". Natural de Taguatinga, Bruno gostaria de regredir seu nascimento até se tornar capixaba. "Eu aceitaria morrer no meu primeiro instante de vida se fosse atrás do campo da Desportiva, em Cariacica". O sociólogo Tiago Tignozzo define o fenômeno como "*state fluid*" – e se identifica com ele. "Goiano, eu? Só na certidão, e por enquanto. Um abraço ao pessoal do Otrane; baita trabalho do Ministério do Turismo".

O gaúcho Antônio Girão, mais conhecido como Porco Guaiaca, por sua vez, tem passado por um problema sério de transição: nenhum estado aceita a sua busca por uma nova regionalidade. No início, Girão tentou se filiar ao Paraná. Contudo, o governo estadual, temendo uma migração desproporcional de CTGs e de torcedores de Inter e de Grêmio, barrou a filiação sob o argumento peremptório de "nem fodendo", repetindo a velha máxima de que Santa Catarina só existe para separar o RS do restante do país. "É uma questão de luta por autonomia", declarou o governo em nota oficial. Fontes consultadas pelo Jornal, que exigiram *off*, alegam que o governador entende que o design dos mascotes separatistas do Rio Grande do Sul pode não ornar com os pontos turísticos da capital.

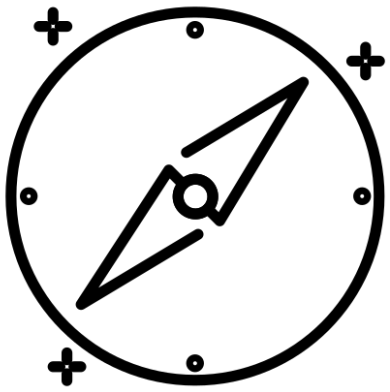
OS TRÂMITES D'OTRANE

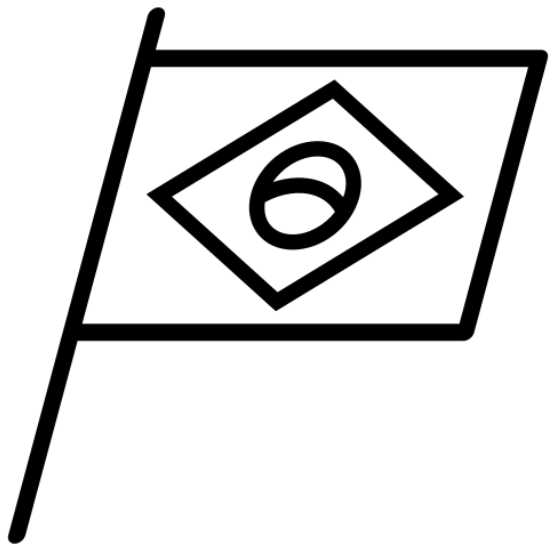
De acordo com o comunicado divulgado pelo Ministério do Turismo, o processo será simples. Qualquer transação será regulamentada pelo Otrane, com pedidos protocolados pelo site <www.gov.br/otrane> mediante uma taxa de R$ 120. A iniciativa promete contribuir com os cofres públicos, desfocar a atenção de eventuais declarações presidenciais e até conter possíveis aumentos de combustível de 2023.

"Pra ser sincero, é um esquemaço para o Governo. Reparem, *para* o Governo, não *do* Governo. Não tem esquema nenhum aí, mas encontramos uma solução estupidamente elegante para arrecadar imposto", reconhece Almeida Carrão, cotado para ser diretor do Otrane, mas escanteado após promover a inclusão do site do Disk Ingressos no rodapé da bandeira do Brasil. "Daria um pau na Lei Rouanet", defende-se. A nomeação de Carrão ainda não está descartada.

Saindo do delírio e correndo em direção aos confins da jurisdição do DNIT, o sul-matogrossense Wesley Pedro Paulo Bahia – "coisa foda do meu pai bêbado esse nome"–, é um caso raro de cidadão que não quer mudar de estado. "Bem, ninguém nem sabe onde fica meu estado no mapa. A verdade é que eu sempre quis ser sul-matogrossense. Primeiro que eu não gosto de futebol, e aqui é um ótimo lugar para não ver futebol. Nunca precisei conversar com um corintiano ou flamenguista na vida. Segundo… Bem, não tenho um argumento melhor que esse (além de respeitar a Mata Atlântica)", enfatiza.

A manauara Priscila Oliveira, que, durante a entrevista com Bahia (o estado, não o Wesley), passava de jangada na região, também foi consultada pela nossa equipe de reportagem. A jovem representante comercial de





uma madeireira (e poeta parnasiana nas horas vagas, que acontece de serem várias) não veria problema algum em ser sergipana, "por exemplo". "Só não quero ser paulista. Melhor: paulistano. Diadema parece ser legal". Cansada da oscilação da internet em suas pescarias matinais, Priscila até cogitou mudar-se, mas sem a alteração formal de estado de nascença. "Acabei de lembrar que também não quero ser recifense". A reportagem indagou: "mas você sabe que Recife é a cidade, né?", recebendo como resposta a pergunta "e você sabe que é um cuzão, né?". Ai.

AMEAÇA FEDERAL

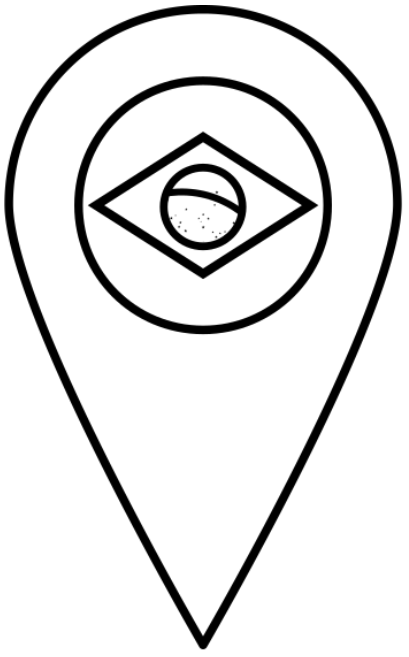
O Otrane logo verificou a dificuldade mais básica da troca de estado de nascença: o brasileiro fanfarrão. Enquanto alguns sonhos simbólicos começam a se concretizar, fraudadores, oportunistas e embusteiros, como Cássio Vendetta, querem mesmo é fugir de suas obrigações familiares. "Esse vagabundo viaja o Brasil gastando o dinheiro dos filhos dele com puta", alega Maria Cazadore. "Aí chega em casa falando gíria que aprendeu em bordel. Luquinha não para de cantar 'roça roça em mim, roça roça em mim'…", desabafa. Vendetta foi localizado pela nossa equipe de reportagem em um estabelecimento noturno de Corumbá, mas negou ser quem era, gritando "*soy boliviano, soy boliviano*". Ele alega – com notável cara de pau – que não aliviará suas dores enquanto não se formalizar rondoniense, mas jamais deu entrada em processo algum.

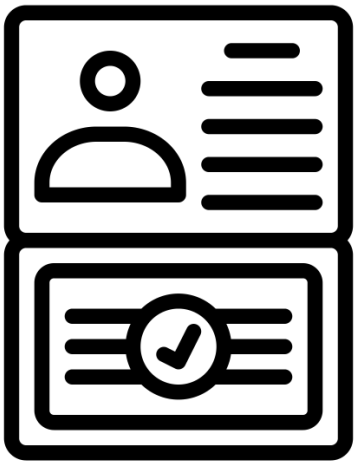
Em outra via da vadiagem, o Ministério do Turismo afirma já ter recebido relatos de "cidadãos, não sabemos de onde, mas, convenhamos, muito provavelmente do Rio", vendendo um suposto "acesso *prime*" com direito ao certificado de nascença de todas as unidades federativas do Brasil (e dos Estados Unidos).

Outro fracasso retumbante da política de rebatismo estadual foi a cearense Glorinha Copolla – "por causa da Sofia, *óbvio*", que entrou com pedido junto ao Otrane para nascer em Lugar Nenhum. Isso mesmo. Citando Félix Guattari, Michel Foucault e o personagem Lula Molusco, a estudante de História promoveu a necessidade de desterritorializar o pensamento, sentenciando que "só quem aceita que nasce aceita que morre". No mapa mental da estudante, Lugar Nenhum ficaria perto de Botucatu. Glorinha fez coro ao estudante Jorginho Guimba, que entrou com petição pública para o reconhecimento do estado gasoso como um local de nascimento. O Otrane prometeu verificar esses casos, "mas sem muita pressa".

Também houve alguns problemas de ordem técnica, como o sergipano não identificado que, num deslize dos dedos, trocou Pará por Paraná em sua ficha de inscrição, dando-se conta apenas após receber seu certificado de boas-vindas à Terra do Pinhão. "E agora, bicho?".

Portas se abrem, janelas se fecham e vice-versa. Algumas janelas também quebram. Outras portas emperram. Também é possível arrombá-las. Algumas janelas têm tela; algumas portas têm trava. O vento é outro elemento capaz de interferir em janelas e portas. Enfim. O brasileiro está pronto para escolher seu estado de nascença? Perguntamos a Edson Borges, aquele que citamos no início da reportagem e literalmente esquecemos ao longo dos demais parágrafos. Com o processo em mãos – já impresso, reconhecido em cartório, com QR Code e tudo –, Edson apresenta um semblante mais leve, contente. Acompanhado da esposa, Rafaela, ele cantarola: "Acontece que eu sou Baiano / Acontece que ela não é / Mas... tem um requebrado pro lado / Minha Nossa Senhora / Meu Senhor São José". Ela revira os olhos. Edson percebe e complementa. "Ela é carioca / Ela é carioca / Basta o jeitinho dela andar…". O brasileiro parece mais feliz, ou ao menos com uma nova distração.





Shibumi (1979), de **Trevanian** (Rod Whitaker), é um livro esquisito. Não necessariamente pela forma atípica ou por um conteúdo extravagante, mas existe algo inerentemente curioso nesse romance de espionagem.

A começar por seu autor. "Mas quem diabos é 'Tre-va-nian'? 'Tre-va-ni-an'?" foi minha reação ao deparar de algum modo – não lembro qual – com a recomendação de *Shibumi* pela internet. Quem confiaria em um escritor de um nome só?

Rod Whitaker (1931-2005), a despeito de uma carreira acadêmica regular nos Estados Unidos, não só vendeu, mas também vendeu *bastante* assinando como Trevanian, um pseudônimo/heterônimo/alterego misterioso que só viria a ser desvendado alguns anos antes da morte da pessoa física.

Whitaker publicou seu primeiro romance – já sob o heterônimo Trevanian, uma homenagem ao historiador **G. M. Trevelyan** (1876-1962) – em 1972. *The Eiger Sanction* (*Escalada Mortal*) logo viria a ser adaptado (e estrelado) por **Clint Eastwood**, em 1975, para desaprovação do escritor, incomodado com a miopia interpretativa de quem não identificou os tons satíricos da obra.

Escalada Mortal acompanha um professor de arte-alpinista-assassino-mercenário (não dá para desconfiar de imediato? Professor de arte não completa uma volta no Parque Barigui, oras).

Mas é aí que as coisas começam a ficar mais interessantes. Porque, considerando o que lemos em *Shibumi* – e *Escalada Mortal* (Landscape, 2007) já foi devidamente comprado para a biblioteca Enclave –, Trevanian produz muito mais que apenas paródia.

besta enjaulada com ódio – apenas à procura de viver com *shibumi*, uma perfeição espontânea. E, claro, *algo* o fará voltar ao jogo.

Se os elementos são nitidamente exagerados, para não dizer escrachados, acontece que Trevanian consegue trafegar entre a paródia pornográfica de 007 (um dos personagens se chama D.I.L.D.O!) e o romance de desenvolvimento lento, disposto de enorme caracterização, com maestria – a maestria de quem domina a técnica e se vê forçado a brincar.

Ademais, o livro antecipa diversos tópicos em voga hoje, como inteligência artificial, ecologia, interferências de política externa e a ubiquidade de instituições dúbias. Trevanian aproveita para espalhar seu veneno em vários (vários!) tópicos, da CIA à *pop art*, todos com a rabugentice fundamentada de que gostamos. Há um senso de humor preciso.

Com a imagem do herói silencioso multicultural de origem misteriosa lutando contra organizações onipresentes, *Shibumi* inspirou a divertidíssima franquia *John Wick* – no primeiro filme, até vemos um personagem segurando o livro. Inclusive, **Chad Stahelski**, o diretor, adaptará o romance para o cinema em algum momento.

Como esta é uma newsletter, grosso modo, de adaptações e intertextualidade, pensemos em alguns pontos aqui: – Pela natureza longeva da narrativa, que abrange muitas décadas, será uma tarefa difícil; – O antiamericanismo em *Shibumi,* obra de um americano que *adora* o Japão, certamente será diluído; – Torço para manterem a pluralidade linguística – do russo ao basco –, agora que esse povo finalmente descobriu as legendas.

John Wick, por ora, sobrevive bem à superexposição (já são três filmes, rumo ao quarto), provando que filmes de ações não precisam ser estúpidos. Ou melhor, que

Afinal, *Shibumi* é sim um livro esquisito. Também é um baita romance. A narrativa acompanha Nicholaï Hel, nascido de uma aristocrata russa com um alemão e crescido em uma Xangai ocupada pelos japoneses – sem conhecer o pai, praticamente sem a mãe –, depois no próprio Japão (*Heru*), por fim no Japão ocupado por americanos, após o fim da Segunda Guerra.

Apaixonadamente multicultural e com um explícito viés antiamericano, o universo de Shibumi se estende ao País Basco, onde mora Hel (e onde morou Whitaker), agora um assassino aposentado, embora ainda temido. Também se passa em Londres e em Washington, de onde a CIA alinha suas operações com a Matriz, uma corporação gigantesca e sem rosto controlando o planeta a partir do petróleo e de suas calculadas motivações políticas.

Já em seus cinquenta anos, Hel mora num castelo sem energia elétrica, explora cavernas, joga *Go*, pratica jardinagem japonesa, é capaz de matar qualquer um com *qualquer* instrumento ("*a fucking pencil...*") e conseguiria entregar prazer a qualquer mulher por uma eternidade. Hel fala quase dez línguas e desenvolveu um senso de proximidade com o qual detecta não só aproximações físicas, mas seu aspecto anímico.

Um James Bond cavaleiro do zodíaco. Hel é o homem, uma máquina, uma

podem até ser simplistas, desde que *a ação* em si seja vistosa, coreografada, *bonita*.

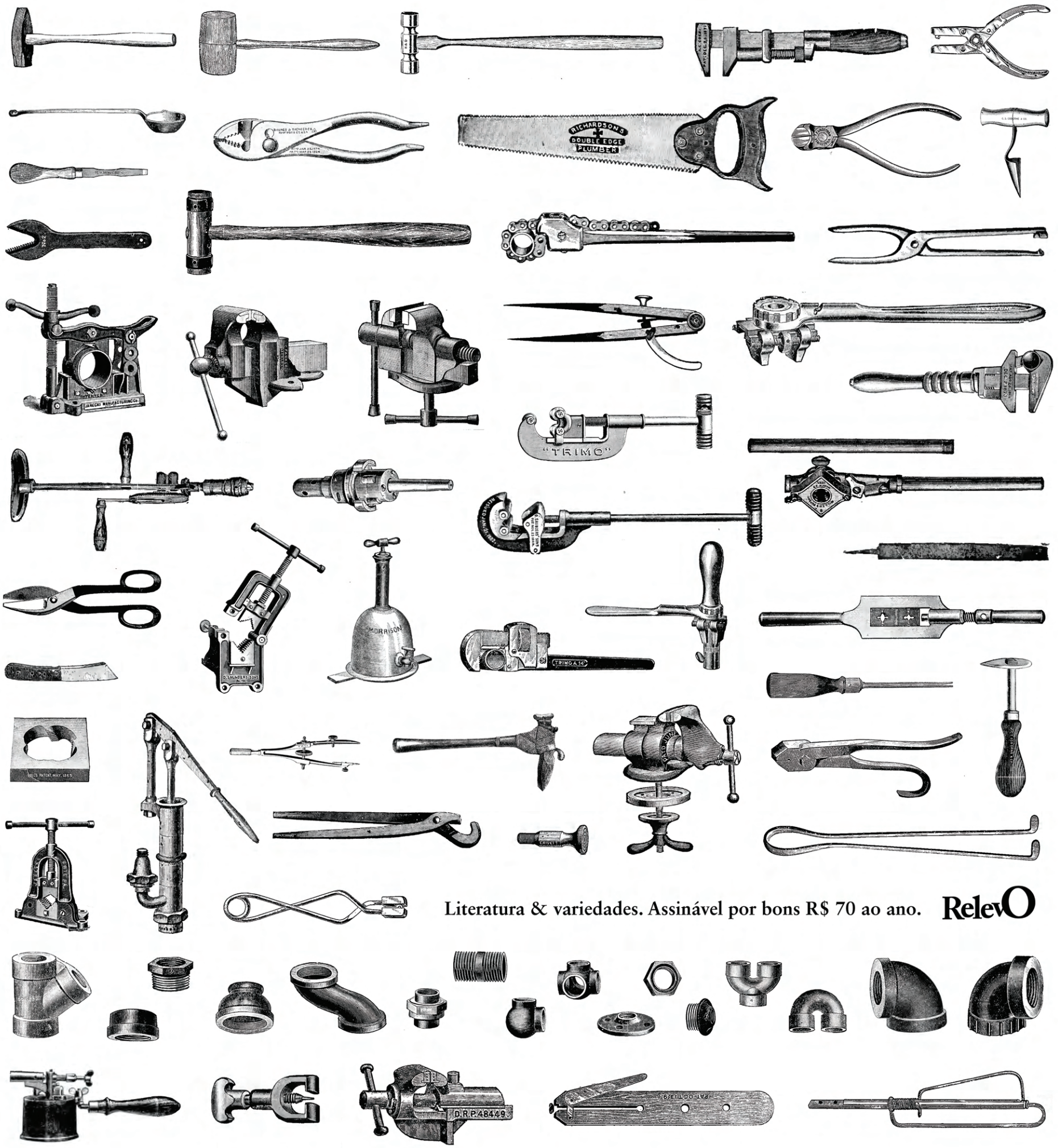
Afinal, ninguém se importa com explosões sequenciais e cortes indecifráveis, mas é possível aproximar uma luta armada de um balé – e incrementá-la com luzes, trajes e objetos cativantes. *John Wick* sabe fazer isso (como o primeiro *Kingsman* também fez).

Mais do que isso – e é aqui que a franquia realmente captura parte do apelo de *Shibumi* (como o primeiro *Kingsman* também capturou) –, essas narrativas temperam nossas vidas entediantes com um "e se?" lúdico, constante na infância, mas adormecido na rotina amorfa da vida.

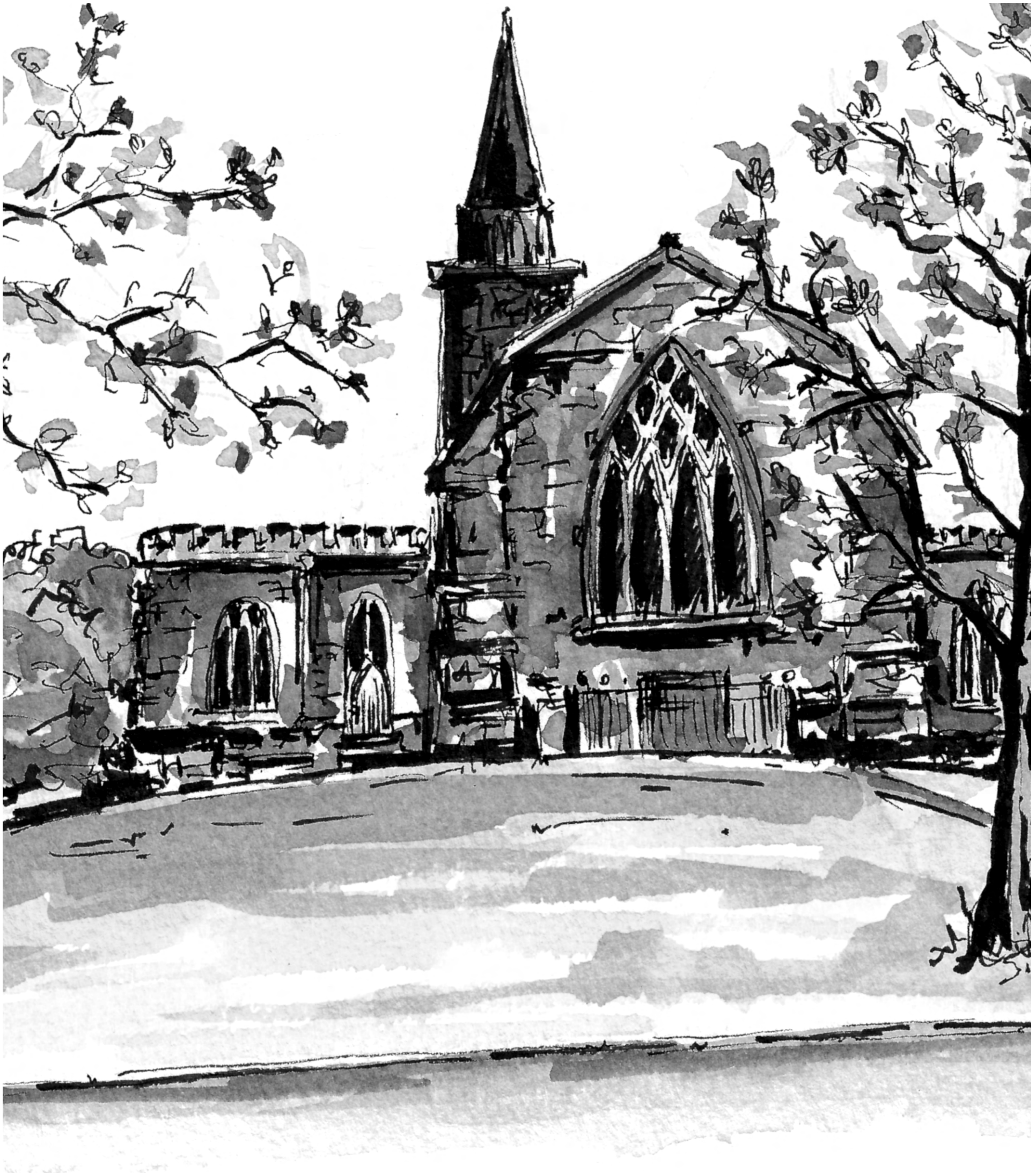
"E se esse vendedor fosse um espião procurando informações?"; "e se essa porta trancada levasse a um porão da máfia?"; "e se esse prédio fosse um centro de comunicação de uma agência secreta?"; "e se esse corredor...". O universo pelo qual transita o interminável **Keanu Reeves** carrega todo o ethos do romance – quem o ler logo identificará.

Por fim, ecos de *Shibumi* atravessam mídias: no videogame, a saga de ***Metal Gear*** parece ensopada de Trevanian, ao passo que desbravadores de *Mass Effect* reconhecerão Thane Krios como um Nicholai Hel alienígena.

Excelente para um livro esquisito: quem duvidaria de um escritor de um nome só?



Literatura & variedades. Assinável por bons R$ 70 ao ano. RelevO



João Paulo de Barros

A beata

Padre Humberto finalizou a celebração da missa e dirigiu-se ao confessionário como fazia todos os dias de quarta-feira na Igreja Matriz de Santa Bárbara. Uma fila de sete pessoas compunha a sala destinada ao sagrado ato de despir-se à Deus pela figura do padre. Dona Carminha, beata fervorosa, foi a primeira a acomodar-se no confessionário. O clérigo deu o sinal de que estava a todo ouvidos e a senhora de 65 anos desatou a falar.

— Então, padre Humberto. Eu pequei essa semana. Vim me confessar diante de Deus e de sua pessoa. Me arrependo de meus atos.

— Conta-me teus pecados, minha filha — disse o padre.

Dona Carminha, extremamente desconfortável, coisa que não era comum a sua figura, continuou:

— Veja, eu não repeti os erros da semana passada —referindo-se à surra que deu na vizinha após a mulher ter estendido duas peças de roupa em seu varal—, mas pequei de novo. Talvez tenha cometido um pecado um pouco mais grave.

O padre, separado da professora aposentada por um pedaço fino de madeira vazada, arregalou os olhos, mas logo conteve sua feição em respeito à ética religiosa.

— Não tenha vergonha, prossiga

— quase implorava o padre.

Dona Carminha respirou fundo e retomou o raciocínio.

— O senhor sabe, padre. Tenho 65 anos, sei que não parece, mas tenho 65 anos. Quando me casei com Gilberto, ele tinha 30 e eu, 19. São 11 anos de diferença, que na época não importavam, mas, hoje, sinto falta. Não sei se me entende, mas eu, com 65 anos, ainda tenho alguns desejos, sabe? Ainda tenho vontades aqui e ali, e meu marido, com 76 anos, prestes a completar 77, não comparece quando tem que comparecer.

A senhora ruborizou. Era nítido seu desconforto frente a uma figura de autoridade como a do padre Humberto. Se pudesse, iria embora de imediato, mas suas atribuições de beata não lhe permitiam tal capricho. Deveria continuar até o final. O sacerdote, muito curioso, sentiu vontade de prolongar os detalhes, contudo, mais uma vez, a batina reprovava tal ação. Assim, diante da situação, padre Humberto ponderou:

— Não precisa detalhar, minha filha. Vamos aos finalmentes.

Percebendo a ambiguidade em sua fala, retomou:

— Ou melhor, vamos ao que interessa. Qual foi seu pecado?

— Sim, sim. Claro. O que eu estava querendo dizer é que minhas necessidades não estavam sendo supridas. Apesar das dificuldades e do desejo, me contive ao máximo. Tudo estava indo bem. Estava quase esquecendo a falta que um homem me fazia, mas, semana passada, um vizinho novo chegou na rua da minha casa. Meu marido estava na feira e o recém-chegado bateu à porta pedindo uma xícara de açúcar. O homem estava sem camisa, padre, sem camisa... No momento eu me desestabilizei. Meus olhos comeram aquele homem, que tinha uns 55 anos, muito bem conservado. Ele entrou e ainda na sala...

Carminha percebeu que estava se excedendo e parou a frase pela metade, afinal, não queria perder o prestígio que restara do padre.

— Traí meu marido, padre. E não me orgulho disso — completou.

Padre Humberto, tentando raciocinar sobre o que acabara de ouvir, abriu a boca para falar, mas a voz não saía. Abriu-a novamente e disse:

— Filha, quantas vezes você repetiu este pecado.

Dona Carminha pensou e respondeu:

— Poucas, padre. Poucas.

Padre Humberto não sentiu firmeza nas palavras da beata e perguntou novamente:

— Poucas quanto, minha filha? — questionou o padre, já sem paciência.

A mulher olhou de um lado para outro como se estivesse verificando a presença de terceiros no recinto. Viu que não tinha ninguém e falou, mais envergonhada do que nunca:

— Cinco vezes, padre. Cinco vezes.

O ministro de Deus levantou rapidamente a cabeça que estava baixa e, com sua voz em tom de reprovação, inquiriu:

— Cinco vezes dentro de quanto tempo, Dona Carminha?

A idosa certificou-se de novo da ausência de pessoas que, porventura, ouviriam a conversa e desembuchou bem baixinho:

— Dentro de dois dias, padre.

O eclesiástico não se segurou. Levantou-se depressa no cubículo a ponto de bater a cabeça no teto. Inspirou e proferiu estarrecido:

— Misericórdia. A irmã é uma mulher de Deus. Todos a conhecem. A senhora é símbolo da moral e dos bons costumes da paróquia. Pelo amor de nosso Senhor. Dê-se o respeito.

Ofendida, Carminha rebateu:

— Ora, padre, não é seu ofício julgar ninguém. Isso, só quem pode fazer é Deus. Reduza-se a dar-me a penitência e pronto. Se não o fizer, saiba que procurarei outra paróquia e outro reverendo, um que realmente se comprometa com os valores divinos.

O padre aquiesceu e reconheceu a exaltação. Sentou-se e desculpou-se:

— Se é assim, tudo bem. Dona Carminha, reze 90 Pai Nossos e 120 Ave-Marias. Vá e não peque mais.

Carminha abriu a porta do confessionário e saiu do recinto. Completamente desapontada com os julgamentos do padre, foi balançando a cabeça em um tom de negação até a calçada da paróquia. Ao sair do templo, após dois grandes passos, bateu de frente com Fátima Lira, famosa moradora da cidade de Santa Bárbara. Fátima era conhecida por todos como a adúltera desavergonhada que traiu o marido até no leito de morte do falecido. Quando percebeu que havia trombado com Fátima, Dona Carminha assustou-se e recuou. Olhou com cara de nojo e cuspiu no chão com asco.

— Não olha por onde anda, adúltera dos infernos? Da próxima vez que me ver na rua, desvie. Me faça este favor de não me contaminar com seus pecados, nojenta.

Na semana seguinte, era Fátima que ocupava a primeira posição na fila da confissão. Estava lá para pedir perdão pela surra feroz que deu numa tal beata mal-educada chamada Carminha.

Friedrich Hölderlin

Tradução de João Paulo Andrade

Poema n.º 9 do ciclo das Canções noturnas.

Der Winkel von Hardt

Hinunter sinket der Wald,
Und Knospen ähnlich, hängen
Einwärts die Blätter, denen
Blüht unten auf ein Grund,
Nicht gar unmündig.
Da nämlich ist Ulrich
Gegangen; oft sinnt, über den Fußtritt,
Ein groß Schicksal
Bereit, an übrigem Orte.

O ângulo de Hardt

O bosque aprofunda,
E qual botões, o descair
Abaulado das folhas,
ao florir do chão ao fundo,
Nunca mudo.
Aí mesmo Úlrico
Passou; junto às pegadas,
Um grande destino
Medita no lugar réliqüo.

R$ 58,00 + frete

Já se imaginou ser perseguido por um pesadelo? Raul, o personagem cover do cantor baiano Raul Seixas, é suspeito de assassinar sua namorada. Queimou-a viva! Mas, queimou mesmo?! Isso ele precisa descobrir.

Adquira Raul & Eu pelo e-mail
cacarvalho49@gmail.com
E ganhe um exemplar de Toca Raul, livro de contos e crônicas.

Lebensalter

Ihr Städte des Euphrats!
Ihr Gassen von Palmyra!
Ihr Säulenwälder in der Ebne der Wüste,
Was seid ihr?
Euch hat die Kronen,
Dieweil ihr über die Grenze
Der Othmenden seid gegangen,
Von Himmlischen der Rauchdampf und
Hinweg das Feuer genommen;
Jetzt aber sitz ich unter Wolken (deren
Ein jedes eine Ruh hat eigen) unter
Wohleingerichteten Eichen, auf
Der Heide des Rehs, und fremd
Erscheinen und gestorben mir
Der Seligen Geister.

Fases da vida

Vós, cidades do Eufrates!
Vós, ruas de Palmira!
Vós, bosques de colunas sobre o deserto,
Que sois vós?
Suas coroas,
Pois o limite do que
Respira cruzastes,
Tem o vapor fumegante do divino e
O fogo desapareceu;
Mas agora sento-me sob as nuvens (onde
Cada qual encontra sua quietude) sob
A composição de carvalhos, no
Urzal do corço, e estranhos
E mortos me aparecem
Os Bem-aventurados.

Hälfte des Lebens

Mit gelben Birnen hänget
Und voll mit wilden Rosen
Das Land in den See,
Ihr holden Schwäne,
Und trunken von Küssen
Tunkt ihr das Haupt
Ins heilignüchterne Wasser.

Weh mir, wo nehm ich, wenn
Es Winter ist, die Blumen, und wo
Den Sonnenschein,
Und Schatten der Erde?
Die Mauern stehn
Sprachlos und kalt, im
Winde Klirren die Fahnen

Metade da vida

Com peras amarelas pende
E cheia de rosas silvestres
A terra sobre o lago,
Ó, cisnes graciosos,
E bêbados em beijos
Embebeis vós a fronte
Na água sacrossóbria.

Ai de mim, onde tenho, quando
Inverno, as flores, e onde
O brilho do sol,
E as sombras da terra?
Paredes soerguem
Mudas e frias, ao vento
Rangem as bandeiras.

poemas · chamadas · concursos · artigos · oficinas · podcast · conteúdo · mentiras · livros · newsletter · lives · mais mentiras · mais poemas · mais chamadas · mais concursos · mais artigos · em breve tradução · em breve o breve · em breve mais anúncios (se a gente tiver dinheiro pra isso) · ceci n'est pas une anúncio no relevo · poesia contemporânea ·

portal fazia. poesia

· acesse ·
faziapoesia.com.br
· siga ·
@faziapoesia

A Equipe Editorial do portal Fazia Poesia, munida de plena sanidade mental e dívidas, deseja um feliz Natal e um próspero 2022.

É o mínimo.

Ivan Junqueira

Seleção de Lucas Silos

Ivan Junqueira nasceu no Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1934. Foi poeta, crítico literário, jornalista e tradutor, tendo exercido, ao longo de toda a sua vida, várias outras atividades no ramo da literatura. É muito conhecido por suas traduções, especialmente as das obras de Baudelaire, Proust, T. S. Eliot e Dylan Thomas. Os poemas de Junqueira, predominantemente medidos, rimados e de tom elegíaco/metafísico, foram traduzidos para o espanhol, alemão, francês, inglês, italiano, dinamarquês, russo e chinês. O poeta foi agraciado com diversos prêmios literários, destacando-se, entre eles, o Prêmio Jabuti (1995, 2005, 2008 e 2010). Morreu em 3 de julho de 2014, aos 79 anos. Para esta edição do **RelevO**, selecionamos seis poemas seus.

E SEU DISSER

E se eu disser que te amo — assim, de cara,
sem mais delonga ou tímidos rodeios,
sem nem saber se a confissão te enfara
ou se te apraz o emprego de tais meios?
E se eu disser que sonho com teus seios,
teu ventre, tuas coxas, tua clara
maneira de sorrir, os lábios cheios
da luz que escorre de uma estrela rara?
E se eu disser que à noite não consigo
sequer adormecer porque me agarro
à imagem que de ti em vão persigo?
Pois eis que o digo, amor. E logo esbarro
em tua ausência — essa lâmina exata
que me penetra e fere e sangra e mata.

ANTIGO

E então mais uma vez me fiz antigo.
O que se foi é a trilha por que sigo,
liberto nas algemas da medida,
dentro da qual me movo em comovida
procura de mim mesmo e de outra vida
que não seja tão só a de uma ida
sem volta àquela instância que persigo:
a de estar todo tempo a sós comigo.
E assim vou indo, príncipe e mendigo,
sem levar fêmea, fâmulo ou amigo
que os passos me acompanhem na subida
ou os pés se lhes travem na descida.
Não misturo-me ao joio. E eis vos digo:
os outros são o inferno. Eu sou o trigo.

II. INÊS: INDÍCIOS

A rainha que vês, ora defunta,
já foi infanta e ela como tantas,
zelosa de suas franjas, suas tranças,
seus pés agílimos e inquietas ancas.
E tudo teve, como tantas: do âmbar
e do almíscar ao túmido testículo
dos reis que a ungiram de saliva e sífilis
nos prados, pátios, adros e patíbulos.
Teve bonecas e hipogrifos, amas,
menestréis, górgonas e harpias, quantas
bem quis ou que lhe apetecessem à insânia.
A ruína que vês, posta em decúbito,
já teve porte e postura, mas súbito
a infanta de si própria se fez pântano.

ÁSPERA CANTATA

A Sérgio Pachá

É sobre ossos e remorsos
que trabalho. É sobre
pó calcário espinho cardo
que afio o escalpo. É
sobre tudo que vegeto, réptil,
em busca de uma vértebra,
um reflexo, uma aresta
que me devolvam a fala,
a face, a insânia, o pasmo.

É desse nada que me basto
e faço agora o meu repasto
— eu, poeta, que tresmalhei
as estrelas e ovelhas de meu Pai;
eu, vosso pastor, a quem Deus,
em sua ira e sapiência,
restituiu à crua consciência
de si mesmo, à de quem
se sabe apenas filho e herdeiro
do deserto, onde só medram
a profecia e a prece — lá,
onde floresce o que se nega
e que, alheio à própria sorte,
já não percebe nem escolhe
entre o que é a vida e a morte.

A infância a infância
— outro país, outra verdade…
Fluíam infantas pelas tardes
e os faunos eram ingênuos,
com seus fálus de açucena
e seus cascos de algazarra.

E havia sol e havia céu e havia pássaros!

E não havia morte
que nos deste, nem a culpa
de sermos, quando somos, teu reverso,
nem o suplício nem a náusea nem o tédio
de que vivo e me escarnece
à espera da festa
que há de ver-me
vítreo
frente aos vermes.

EIS QUE ENVELHECES

Célula a célula,
vértebra a vértebra,
de ti o espectro,
eis que envelheces:
não mais o aéreo
passo de Pégaso,
nem as hipérboles
da áurea quimera,

mas só o inverno
da áspera pele
que trinca e engelha
como a de um réptil,

ou as exéquias,
sem círio ou prece,
do ralo esperma
que nada gera.

Na boca, uns restos
do que antes eram
palavra, verve,
humor feérico,

lirismo etéreo
enigmas, dédalos,
que agora hibernam
no oco das trevas.

As mãos entrevam,
os olhos secam,
a alma enfeza
sem luz ou fé.

No entanto, és mestre
no ofício indébito
que tanto exerces:
o de dar crédito

àquela moeda,
gasta e decrépita,
em cujo verso
relês que o eterno
é a tua gleba
e que, por certo,
mais sábio és
porque mais velho.

É que te esqueces
de que há, mais pérfida,
outra exegese
sobre essa tese:

a que interpreta,
álgida e cética,
todas as pérolas
que te oferecem.

É nada o que herdas
por seres velho,
exceto a cédula
de uma hipoteca

que em vão fizeste
da pouca terra
em que teus pés
sequer puseste

— da escassa terra
em que coubessem,
não teus troféus,
mas só teus restos.

A noite sela
com uma pétala
teus olhos cegos.
Eis que envelheces.

A MORTE

A Ivo Barroso

A morte é um cavalo seco
que pasta sobre o penedo;
ninguém o doma ou esporeia
nem à boca lhe põe freios.

À noite, sob o nevoeiro,
é que flameja o seu reino:
não o da luz que viu Goethe
ao cerrar os olhos ermos,

mas o da espessa cegueira,
o dos ossos no carneiro
e o da carne atada às teias
sem alma que se lhe veja.

Ouço-lhe os cascos de seda:
são tão fluidos quanto a areia
que escorre nas ampulhetas
ou o sangue no oco das veias.

A morte escoiceia a esmo,
sem arreios ou ginetes;
não tem começo nem termo:
é abrupta, estúpida e vesga,

mas te embala desde o berço,
quando a vida, ainda sem peso,
nada mais é que um bosquejo
que a mão do acaso tateia.

Na treva lhe fulge o pelo
e as crinas se lhe incendeiam;
em cada esquina ela espreita
quem há de tanger ao leito,

e ninguém lhe escapa ao cepo:
tiranos, mártires, reis
ou até antigos deuses,
por mais soberbos que sejam.

Embora só traga o preto
em seu corpo duro e estreito,
com ângulos que semelham
os de um áspero esqueleto,

A morte é estrito desejo:
deita-se lânguida e bêbeda
à lenta espera daquele
que a leve, sôfrego, ao êxtase.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ivan Junqueira: Biografia. Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. 20 abri 2023. Disponível em: www.academia.org.br/academicos/ivan-junqueira/biografia.

JUNQUEIRA, Ivan. *Poesia Reunida*. São Paulo: A girafa, 2005. 368 p.

_____. Essa música. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 95 p.

Jennifer Cabral

Helena, *sharmuta*

Aquela foi a primeira vez que vi alguém tão velho assim na minha frente. A dona Linda carregava 90 anos na corcunda coberta por um cardigã, vestido sobre a camisola florida. Não sei o que era mais branco: sua pele ou seu cabelo. Segurava um lencinho cuidadosamente dobrado, usado para escarrar e limpar a ponta do nariz, sempre gelado. Tinha umas orelhas enormes, orelhas de gente velha.

Íamos lá aos sábados, à noitinha. Minha mãe era cúmplice de gandaia, ou melhor, cuidadora contratada pelo filho dela, o Nelson. Garanhão de 1,90, bigode grosso, óculos aviador e camisa semiaberta mostrando o peito peludo, coberto por correntes de ouro. E um sorriso fumante.

Cabelinho pra trás, pronto pro ataque. A gente vinha canelando a mais de hora, e quando ele saía, corríamos pra cozinha. O Nelson era generoso, e deixava comida da melhor qualidade pras duas esfomeadas. Minha mãe preparava um rango parrudo ao mesmo tempo que esquentava a sopa da dona Linda.

A mim cabia entreter a velhota. Era só sentar que começava:

— Como você chama?

— Jennifer.

— Hã? Gênis?

— Jennifer.

— Gênis?

— Isso, Gênis.

Da primeira vez insisti, mas depois acabei aceitando.

— Ah, que gracinha de menina! Você já é casada?

— Não, dona Linda! Eu tenho 11 anos.

— Como você chama mesmo?

— Gênis.

— Então, Helena, chama o Nelson aqui que eu preciso falar uma coisa pra ele. Nelson, Nelson, meu filho!

Mas não adiantava. O Nelson, àquelas horas, devia estar com a gata da vez. Eu ficava me perguntando com quem ele namorava, sabe? Uma vez, levou uma amiga dele lá, e aí fiquei ainda mais intrigada. Ela era bem bonita; tinha cabelo preto curtinho e era muito educada. Disse que era professora, e parecia mesmo. Até hoje acredito que ela era professora.

A dona Linda sofria de Síndrome de Dory. Esqueceu da filha, dos netos e até de que era velha. Quando passava em frente à cristaleira, começava a gritar:

— Quem é essa velha horrorosa, Helena? Tira ela daqui! Tira ela daqui, essa *sharmuta*! — E mostrava a língua para si mesma enquanto ofendia a meretriz que se atrevia a invadir sua casa.

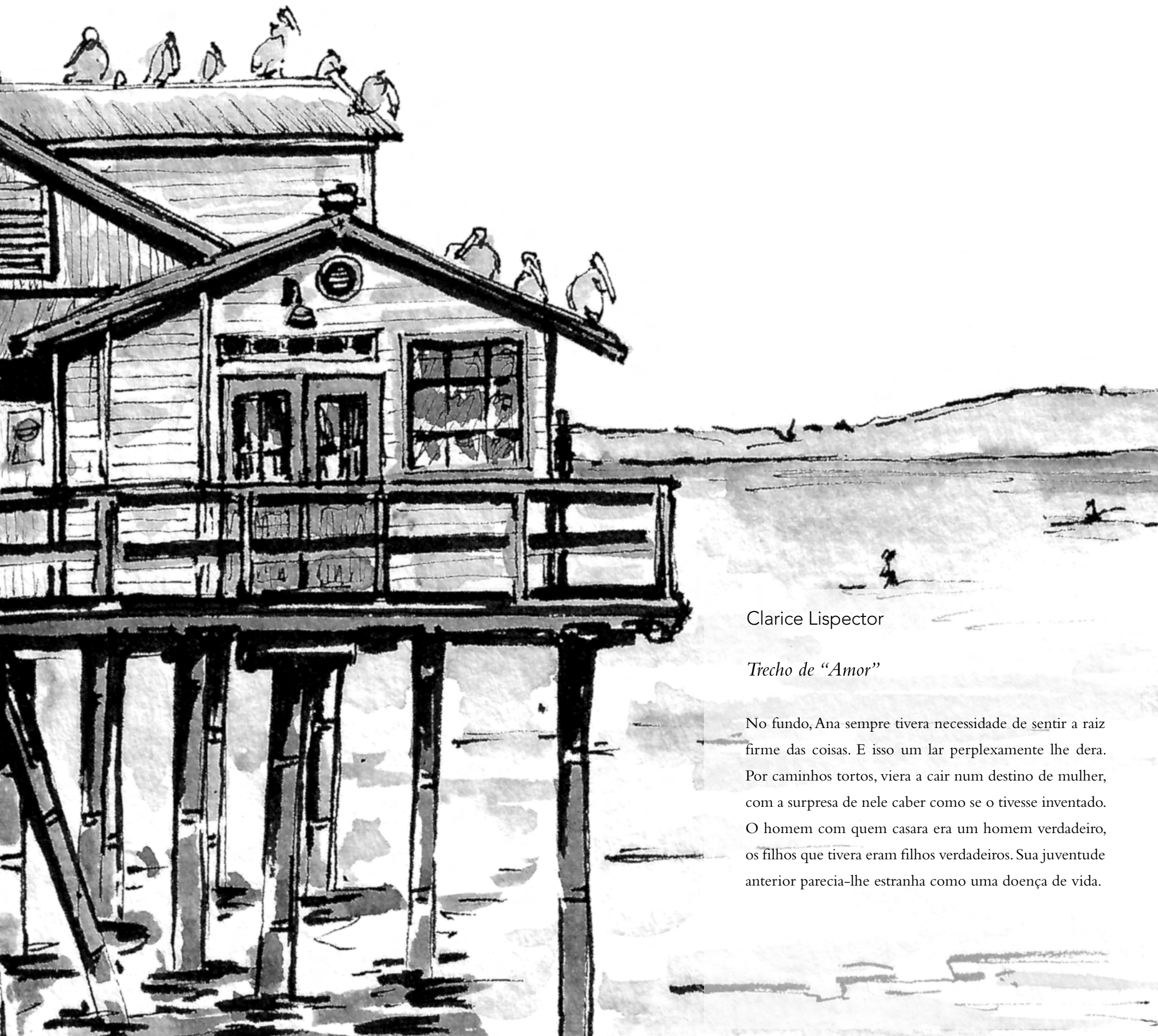
A dona Linda botava a gente em cada encrenca! Quem olhava dizia que tava caquética, mas eu não acho não. Reconheceu o ladrão que ousava levar sua porcelana chinesa embora: era o safado do farmacêutico que ia aferir sua pressão. Quando ele chegava, ela ia logo dando com a língua na falta de dentes. Ele ficava todo vermelho, mas eu acredito nela. Se lia de carreirinha a legenda na TV que ficava lá longe, não devia estar tão maluca. Era melhor tomar conta da prataria e dos cristais que trouxe do Líbano.

A dona Linda era linda mesmo. Uma vez, fui xeretar lá em cima, e vi o retrato dela bem jovem. Tinha um ar de mulher de posses; e era, de verdade. Tinha orgulho de falar que o Maluf sempre ia almoçar na casa dela. Acho que foi nessa mesma época que a louça começou a sumir.

Hoje passei em frente à sua casa, e quase não reconheci. Trocaram a janela centenária por uma porta de enrolar cinzenta. Derrubaram a parreira que fazia sombra no quintal e tiraram os móveis de madeira de lei. Veio o tempo e levou as porcelanas chinesas, os talheres de prata e os cristais da dona Linda. Levou de fininho, esse malandro, que nos rouba a meia sem nos tirar o sapato.

De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também.
Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Clarice Lispector

Trecho de "Amor"

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.